



**CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**LINHA DE PESQUISA**

**O ENSINO DE GEOGRAFIA**

**JAMÁBIA RAÍDGIA FÉLIX DA SILVA**

**O PAPEL DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À  
DOCÊNCIA PIBID PARA A MELHORIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA**

**GUARABIRA/PB**

**2016**

**JAMÁBIA RAIDGIA FÉLIX DA SILVA**

**O PAPEL DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE  
INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) PARA A MELHORIA DO ENSINO  
DE GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido para conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), orientado pela Prof.<sup>a</sup> Dra Regina Celly Nogueira da Silva.

**GUARABIRA/PB**

**2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586p Silva, Jamábia Raídgia Félix da  
O papel do programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID) para a melhoria do ensino de geografia [manuscrito] / Jamabia Raídgia Felix Da Silva. - 2016.  
39 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em GEOGRAFIA) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.  
"Orientação: Regina Celly Nogueira da Silva, Departamento de Geografia".

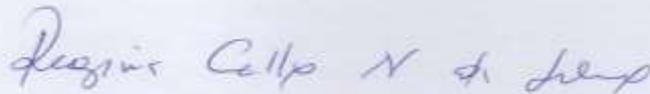
1. Educação. 2. PIBID. 3. Ensino de Geografia. I. Título.  
21. ed. CDD 910

JAMÁBIA RAIDGIA FÉLIX DA SILVA

**O PAPEL DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE  
INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) PARA A MELHORIA DO ENSINO  
DE GEOGRAFIA**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura Plena em Geografia da  
Universidade Estadual da Paraíba, em  
cumprimento às exigências para a obtenção do  
Título de Licenciado em Geografia.

Aprovada em: 20/10 /2016.



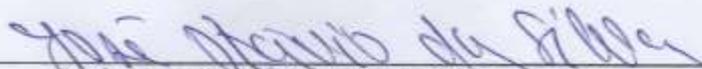
---

Prof.ª Dr.ª Regina Celly Nogueira da Silva /UEPB  
Orientadora



---

Prof.ª Ms. Monica Guedes /UEPB  
Examinadora



---

Prof.ª Ms. José Otávio da Silva /UEPB  
Examinadora

GUARABIRA/PB

2016

Agradeço a Deus primeiramente, a minha mãe e ao meu pai pelo incentivo e auxílio, a minha irmã pelo apoio, aos meus professores pelo estímulo, a minhas amigas que são como irmãs para mim, ao meu namorado pelo estímulo, incentivo e apoio, e a mim mesma por nunca ter desfalecido diante dos obstáculos que surgiram, DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, por ter me guiado na concretização deste trabalho.

À minha mãe **Solangia Félix da Silva**, pelo incentivo e apoio dado a mim, desde os meus primeiros anos iniciais de estudo, até o meu ensino superior.

Ao meu pai **José Ricardo da Silva**, pelas palavras de apoio para que sempre eu pudesse seguir em frente nos meus estudos e em busca dos meus ideais.

À minha irmã **Jaídgia Raíssa Félix da Silva**, que me incentivou para que dia após dia eu prosseguisse com meus estudos, para que conseguisse alcançar meu objetivo e concluir meu curso.

Ao meu namorado **Douglas Alves Ferreira**, pelas palavras de conforto, carinho, ajuda e incentivo para que a cada dia eu prosseguisse mesmo diante dos obstáculos que pudessem vir.

À minha irmã de coração, **Paloma Dandara de Lima Barbosa**, que sempre me ajudou quando necessitei, seja com apoio emocional, ou físico, em todos os momentos.

À minha amiga, **Patrícia Ferreira Rodrigues**, que se tornou uma irmã ao decorrer desses quatro anos de curso, me ajudando com apoio emocional, nos trabalhos, minha parceira das aulas de campo e de todos os momentos, quer foram bons, quer foram ruins.

As professoras **Cléoma Toscano e Maria Juliana**, pela orientação competente a frente PIBID. O projeto foi essencial para a produção desse trabalho. Podemos dizer que sem a orientação das competentes professoras não seria possível nossa participação e atuação junto ao programa. Agradecemos também aos colegas que participaram conosco durante a realização do projeto, Fernando Batista, Jaciele Cruz, Patricia Ferreira, Roney Lima. Esse foi um período muito rico de trocas e discussões permanentes, onde junto aos colegas aprendemos e trocamos experiências no contexto da sala de aula.

À Prof.<sup>a</sup> Dr. **Regina Celly Nogueira da Silva** pelas orientações e leituras que serviram de auxílio para a realização deste trabalho, sempre atenciosa, paciente em todos os momentos que a solicitei.

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Cora Coralina

## RESUMO

A educação no Brasil nas últimas décadas do século XX passou por profundas mudanças, talvez não tantas quanto a sociedade atual exigiria, mas sem dúvida foram mudanças significativas, que mudou a nossa visão de mundo e o modo de entendermos a geografia. Baseado nessas mudanças foi criado o PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, com o intuito de auxiliar o ensino, nas diversas áreas de ensino, inclusive a geografia. Este trabalho tem como objetivo mostrar as ações e impactos que o programa causou no ensino de geografia na EEEFM Professor José Soares de Carvalho no município de Guarabira – PB, destacando os diferentes âmbitos que foram afetados pelo programa, quer seja a prática docente, a maneira como os alunos passaram a entender a geografia, mas, sobretudo, o papel do bolsista do PIBID nesse processo de transformação. Esse é um trabalho de cunho qualitativo. Nesse sentido, para sua realização efetuamos pesquisa e leituras pertinentes a temática, realizamos levantamento bibliográfico junto a biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba, pesquisamos os sites do Ministério da Educação e Cultura e textos da internet, e relatou-se a vivência em sala de aula. Essa pesquisa está dividida em quatro partes textuais com a introdução, quatro capítulos teóricos e com as considerações finais. Tal pesquisa descreve, relata e conclui mostrando como e o quanto o PIBID contribui para o professor, para o âmbito escolar, de como pode influenciar o bolsista no aprimoramento do seu eu profissional, como também o aluno como melhor cidadão onde vive.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, PIBID, Ensino.

## **ABSTRACT**

Education in Brazil in the last decades of the twentieth century has undergone profound changes, perhaps not as many as modern society would require, but undoubtedly were significant changes that changed our world view and way of understanding the geography. Based on these changes it was created the PIBID - Institutional Program Initiation Grant to Teaching, in order to assist the education in various academic fields, including geography. This work aims to show the actions and impacts the program had on the teaching of geography at the State School Professor José Soares de Carvalho (EEEFM), in the city of Guarabira - PB, highlighting the different areas that have been affected by the program, whether the teaching practice, or the way how students come to understand the geography, but especially the role of the student who participates of the PIBID program and in this transformation process. This research had a qualitative approach. In this sense, we seek for relevant reading themes, conducted a bibliographic survey with the library of the State University of Paraíba, researched the sites of the Ministry of Education and Culture and the internet texts, and it was reported the experience in the classroom. This research consists of four parts: introduction, four theoretical chapters and the closing remarks. This research describes, reports and concludes by showing how and how much PIBID program contributes to teacher formation, to the school environment and students. Also how it contribute to the improvement of professional self for students who participates.

**KEYWORDS:** Education, PIBID, Teaching.

## **LISTA DE SIGLAS**

PIBID – Programa Institucional De Bolsa De Iniciação À Docência

PCNs – Parâmetros curriculares nacionais

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

DEB - Diretoria de Educação Básica Presencial

MEC – Ministério da Educação

UEPB – Universidade Estadual da Paraíba

IES - Instituições de Educação Superior

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>FIGURA 1 - localização da escola -----</b>	<b>14</b>
<b>QUADRO 01 - Quantidade de alunos da eeefm prof. José soares de carvalho, Guarabira/PB, 2013 -----</b>	<b>15</b>
<b>FIGURAS 2 – Oficina sobre o Mapa mundi -----</b>	<b>34</b>
<b>FIGURA 3 - Gincana estudantil -----</b>	<b>34</b>
<b>FIGURA 4 – Aula de campo na Serra da Jurema – Guarabira/PB -----</b>	<b>34</b>
<b>FIGURAS 5 E 6: Maratona geográfica como Brasil como tema central -----</b>	<b>35</b>

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b> -----	<b>13</b>
<b>1 O ensino de geografia e suas especificidades na educação básica</b> -----	<b>16</b>
<b>2 O PIBID enquanto política educacional para a melhoria do ensino de geografia e a formação do professor iniciante</b> -----	<b>25</b>
<b>3 O PIBID e a formação do professor</b> -----	<b>27</b>
<b>4 Impactos causados no âmbito educacional através do pibid</b> -----	<b>31</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	

## INTRODUÇÃO

Este trabalho constitui nossa pesquisa de TCC que estamos desenvolvendo para a graduação junto ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. Nosso objetivo é realizar uma reflexão a respeito do ensino de Geografia no Ensino Fundamental e o papel do PIBID enquanto Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência para a melhoria do ensino de Geografia e, conseqüentemente, a melhoria da prática docente do aluno. Nesse trabalho tomamos como parâmetro para auxiliar o ensino de Geografia no universo da sala de aula textos de teóricos que discutem as questões pertinentes ao ensino de Geografia como CALLAI (2005), CAVALCANTI (2003), FREIRE (2002). Esses autores buscam contribuir para a melhoria da prática docente na escola básica. Buscam também refletir sobre a educação brasileira e suas contradições.

Uma das iniciativas do Ministério da Educação nos últimos anos é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID<sup>1</sup>, é um programa de incentivo e valorização do magistério e de aprimoramento do processo de formação de docentes para a educação básica, vinculado à Diretoria de Educação Básica Presencial – DEB – da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. O PIBID oferece bolsas para que alunos de licenciatura exerçam atividades pedagógicas em escolas públicas de educação básica, contribuindo para a integração entre teoria e prática, para a aproximação entre universidades e escolas e para a melhoria de qualidade da educação brasileira. Para assegurar os resultados educacionais, os bolsistas são orientados por coordenadores de área – docentes das licenciaturas - e por supervisores - docentes das escolas públicas onde exercem suas atividades<sup>2</sup>.

O projeto foi desenvolvido junto a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, situado no município de Guarabira/PB. A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Prof. José Soares de Carvalho”, foi criada em 1962, e é uma das escolas públicas mais antigas de Guarabira. Seu fundador foi o português Edgard Júlio Pessoa da Silva, que visava contribuir com a educação da cidade. No início a escola funcionou no prédio da Escola Técnica de Comércio, possuía apenas o curso ginásial, como era denominado naquela época o ensino fundamental. No mesmo ano, foi construído um

---

<sup>1</sup> <http://portal.mec.gov.br/PIBID>

<sup>2</sup> <http://www.ufvjm.edu.br/prograd/PIBID.html>, Acesso em 22 de julho de 2016.

prédio pelo, então, Governador do Estado da Paraíba, Pedro Moreira Gondin, onde hoje funciona o atual prédio.

Ao longo dos anos o prédio passou por várias reformas. Todavia, em 12 de dezembro de 1971, foi inaugurado o novo prédio do Colégio Estadual Prof. José Soares de Carvalho, tendo como gestor o professor Edgard Júlio. Com seu falecimento em 15 de agosto de 1986, veio substituí-lo a Professora Maria do Socorro Pereira, logo em poucos meses destituída do cargo de Diretora e assumindo a vacância Professor Robson de Freitas Albuquerque por pouco tempo, sendo também exonerado pelo então governador Tarcísio de Miranda Burity, quem, em seu lugar nomeia a Professora Eliete Oliveira, que logo em seguida assume Maria da Conceição Morais. Depois que ocuparam o cargo de diretor os seguintes professores: Marinalva Oliveira, Everaldo Francisco, Denise de Mel, Maria Elizabeth Rubis, Raimundo de Macedo Sobrinho, Alcineide Evaristo de Souza, Josefa Paulo da Silva e atualmente Pedro Paulo Soares.



Figura 1. Localização da escola Fonte: Google maps adaptado por Roney J. Lima, acesso em 10/07/2014

A instituição em questão é uma escola<sup>3</sup> de médio porte, possuindo um considerável espaço para as realizações das ações escolares, com isso dando aos profissionais de educação e ao corpo docente, boas condições de estudos. Quanto à estrutura física, a escola conta com 19 Salas de aulas, 01 Sala de vídeo, 01 Sala de diretoria, 01 Sala de professores, 03 Laboratórios Matemática, Informática, Robótica, biblioteca, um espaço para o Grêmio Estudantil, espaço que poucas escolas possuem, Auditório que é utilizado para as reuniões e

---

<sup>3</sup>A escola possui nove professores de Geografia Antônia Ivonete Henrique Silveira, Claudinely Morais de Oliveira, Djaci Soares do Nascimento, Gilvanete de Almeida Silveira, Gislayne Mary dos Santos Hermano, Lizoneide do Nascimento Cavalcante, Maria do Socorro Dos Santos, Sammy Amorim Siqueira e Paula Priscila Gomes do Nascimento.

atividades culturais da escola, sala de estudo e acompanhamento dos alunos, uma cantina, uma quadra esportiva e um ginásio. A escola possui ainda um grande pátio que poderia ser bem melhor utilizado. Abaixo, será descrito a quantidade de alunos que a escola possui, tendo em vista os dados de 2013.

**Quadro 01: Quantidade de alunos da EEEFM Prof. José Soares de Carvalho, Guarabira/PB, 2013.**

<b>NÍVEL</b>	<b>MANHÃ</b>	<b>TARDE</b>	<b>NOITE</b>	<b>TOTAL</b>
ENSINO FUNDAMENTAL II	349	252	26	627
ENSINO MÉDIO	323	390	118	831
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	0	0	229	229
<b>TOTAL</b>	<b>672</b>	<b>642</b>	<b>373</b>	<b>1687</b>

Os dados constam de 2013, devido a escola não estar com o Projeto Político Pedagógico atualizado, e pela dificuldade encontrada para ter acesso a tais documentos, tivemos que elaborar essa tabela com os dados disponibilizados.

Esta pesquisa tem como objetivo principal apresentar os desafios do PIBID. Nosso desafio é responder algumas questões: O PIBID aprimorou o conhecimento geográfico no ambiente escolar? Através das ações do PIBID o professor de Geografia modificou sua prática docente? A metodologia utilizada pelo PIBID pode ser considerada crítica? Além de responder a essas questões, a nossa intenção também é analisar os métodos desenvolvidos pelo PIBID, destacar as atividades desenvolvidas pelos bolsistas em sala de aula e a importância do professor da educação básica para o desenvolvimento do projeto. Assim, através de leituras, de observações em sala de aula, de entrevistas com professores do ensino básico e professores universitários, responderemos as questões em tela.

Para a realização da pesquisa foi feito inicialmente um levantamento bibliográfico sobre o ensino de Geografia, suas especificidades e problemas. No primeiro capítulo discutiremos o ensino de Geografia e suas especificidades na escola básica. No segundo capítulo discutiremos o papel do PIBID enquanto política pública que visa a melhoria da

formação dos alunos da licenciatura, a importância do PIBID para a inovação da prática do professor da escola básica e para a aprimoramento do ensino de Geografia.

Foram realizadas entrevistas com os professores da escola básica e bolsistas do PIBID, buscando compreender o que pensam e como o mesmo auxilia na melhoria do ensino de Geografia na escola básica e na formação dos alunos da licenciatura. No terceiro capítulo apresentaremos as ações desenvolvidas pelo PIBID ao longo do segundo semestre de 2015. Relataremos as ações desenvolvidas em sala de aula, a participação dos alunos da escola básica e a participação do professor da escola.

## **1 O ENSINO DE GEOGRAFIA E SUAS ESPECIFICIDADES NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

A educação no Brasil nas últimas décadas do século XXI passou por profundas mudanças, foram mudanças significativas, que mudaram a nossa visão de mundo e o modo de entendermos a Geografia. Nesse contexto social, educacional e político, a Geografia, como componente curricular (tradicional) na escola básica, também se modificou, ganhou novos contornos, coloca novas questões, seja por exigências da própria ciência que busca novas interpretações, produção de novos conceitos, mas, também, das políticas públicas no âmbito educacional, como por exemplo os PCNs.

Assim, pensar o papel da Geografia na educação básica torna-se significativo, para a compreensão desse mundo globalizado, que passa por tantas mudanças. A leitura do mundo é fundamental para que todos nós, que vivemos nessa sociedade globalizada, possamos exercitar nossa cidadania, possamos atuar com responsabilidade e desvelar esse mundo tão complexo para nossos alunos.

Queremos tratar aqui sobre as possibilidades de aprender a ler o mundo, como ressalta Helena Copette Callai (2005), em um lindo texto sobre a possibilidade que o professor possui em sala de aula para o aluno desvelar o mundo. No entanto, neste trabalho, o mais importante é refletir sobre o papel da Geografia na escola, em especial, no ensino fundamental, tendo o PIBID enquanto uma política pública que tem auxiliado para a melhoria da qualidade do ensino e da formação do futuro professor.

Neste contexto, o PIBID aparece como um excelente meio de interferir positivamente na qualidade do ensino básico nas regiões mais pobres do nosso país. Em 2015, a UEPB empenhou-se em participar do PIBID com o objetivo de valorizar o magistério e apoiar estudantes das licenciaturas. O Ministério da Educação - MEC - por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, lançou o PIBID com o objetivo principal de estimular e elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciatura das instituições de educação superior.

Uma forma de se entender as transformações que passa o mundo é através do conceito de espaço. Este conceito traz em si todas as marcas da vida humana. Segundo Callai (2005, p.228), realizar a leitura do mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas, por conta das projeções cartográficas adotadas.

A autora anteriormente citada destaca ainda que, fazer a leitura do mundo, da paisagem, não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. “É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos)”. Assim, levar nosso aluno a compreender este mundo em permanente transformação é nossa tarefa principal. Interpretar as relações que se estabelecem no espaço, produzem/reproduzem esse espaço, como também, compreender o cotidiano, demonstrando também que as paisagens que podemos ver são resultado da vida em sociedade.

Todavia, nossa principal intenção é compreender qual a importância da Geografia para essa fase de escolaridade com vistas ao desenvolvimento geral da criança e do adolescente. Assim, entendemos que o ensino de Geografia é um componente curricular que pode ser preparador e motivador para o cidadão, na perspectiva de formá-lo para viver em sociedade, preparando-o para o futuro, fornecendo meios para que o aluno venha a se destacar e progredir no trabalho e em seus futuros objetivos educacionais, como nos afirma o (Artigo 22, LDB Lei 9394/96).

Entretanto, mesmo reconhecendo a importância da Geografia para compreendermos o mundo atual, muitos são os problemas que os professores enfrentam no universo da sala de aula. Nosso ensino ainda guarda ranços do pensamento positivista, corrente de pensamento que foi e ainda é a base da Geografia, por muitas décadas, podemos dizer inclusive que ainda o é. Na escola ainda podemos encontrar uma prática docente que não estimula a reflexão, a criatividade, a pesquisa, a discussão. Muito pelo contrário, grande parte dos professores ainda ministra suas aulas utilizando o velho método da Geografia tradicional, positivista, onde o aluno é apenas um acumulador de conteúdo e tem que decorar nomes de acidentes geográficos, a hidrografia das regiões brasileiras, as capitais dos Estados, conteúdos de modo geral. A Geografia ensinada era e ainda é fragmentada, sem trazer para a sala de aula o cotidiano do aluno. Callai questiona como podemos mudar essa prática:

Como fazer isso? É certo que, da forma como a Geografia tem sido tratada na escola tradicionalmente, ela não tem muito a contribuir. Aquela Geografia chamada tradicional, caracterizada pela enumeração de dados geográficos e que trabalha espaços fragmentados, em geral opera com questões desconexas, isolando-as no interior de si mesmas, em vez de considerá-las no contexto de um espaço geográfico complexo, que é o mundo da vida (CALLAI, 2005, p. 229)

O que se percebe com muita frequência é uma prática docente desvirtuada da realidade social do aluno, do seu contexto social, sem problematizar o mundo em que esse aluno vive, descumprindo o papel do educador que, de acordo com FREIRE (2002, p1): “é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e não a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de estendê-lo, de entregá-lo, como se se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado”.

A impressão que se tem é que grande parte dos professores já se acomodou em ministrar suas aulas tomando como base esse padrão, esse modelo, se atendo ao ensino tradicional, não procurando inovar suas práticas de ensino. Evidentemente, não devemos generalizar, pois alguns professores entrevistados na nossa pesquisa reconhecem que a prática docente necessita ser modificada para a melhoria da qualidade do ensino. Essa minoria já reconhece que esta Geografia tradicional não traz benefícios nem aos discentes nem aos docentes, como afirma OLIVEIRA (2005, p.137) ao dizer que “A grande maioria dos professores da rede de ensino sabe muito bem que o ensino atual da Geografia não satisfaz nem ao aluno nem ao professor que o ministra.”

Na Geografia a teoria e prática necessitam estar interligadas. A execução dessa relação entre conceito e vivência é um dos desafios que os professores necessitam encontrar. Todavia, muitos professores alegam dificuldade em realizar essa relação. Alegam a falta de recursos existentes na escola, a falta de interesse por parte do corpo docente, o pouco envolvimento da gestão da escola elemento essencial para profundas mudanças no universo escolar. Constatamos quando dialogamos com os alunos que a falta de interesse dos mesmos se deve ao fato de conhecer uma Geografia enquanto uma disciplina decorativa e sem importância.

O ensino de Geografia não pode apenas se ater às aulas expositivas em sala de aula, utilizando apenas o livro didático, incentivando os alunos apenas a decorar. O grande desafio é instigar os alunos para que, além do livro didático, pesquisem outros métodos de aprimoramento do conhecimento, fazendo-os pensar e refletir além do que é discutido em sala de aula.

Geralmente o livro didático é utilizado pelos professores numa interação de leitura e interpretação do texto e é nessa relação que para alguns docentes o conhecimento é construído. No entanto, o que acontece, em muitas práticas escolares, é uma leitura superficial sem muito interesse por parte dos alunos e dos professores, que não se sentem estimulados pelo conteúdo e ficam num círculo vicioso de fingimento que estão aprendendo e ensinando algo (PINA, 2009, p. 51).

Diante de tais fatos, diversas medidas podem ser tomadas para o melhoramento do ensino de Geografia em sala de aula, como por exemplo a capacitação de professores, a busca por novos recursos didáticos, o incentivo por parte da direção da escola para os professores,

encaixando-os em projetos educacionais. Destacando a inserção de professores no PIBID, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, é uma das políticas que contribui para uma prática docente mais criativa e reflexiva. O projeto é uma das ferramentas para auxiliar os professores da escola básica e contribuir para a melhoria da formação dos discentes envolvidos no projeto. Ao estar em contato com a Universidade, o professor da escola básica estabelece contato com as teorias, as novas metodologias, realizam a formação continuada e podem contribuir, de forma direta, para a formação dos novos professores egressos da universidade.

O PIBID foi criado em 2007, tendo como objetivos principais: integrar Educação Superior e Educação Básica, qualificando a formação inicial de professores, fomentando práticas docentes e experiências metodológicas de caráter inovador para tornar a escola pública um espaço para reflexão e crescimento na construção e produção do conhecimento. Portanto, seu intuito é minimizar a falta de notoriedade da profissão docente e a desarticulação entre a teoria e a prática escolar, estimulando o acesso e a permanência de estudantes dos cursos de licenciatura junto à escola pública. O programa prevê bolsas para estudantes de licenciatura que, orientados por um professor de universidades conveniadas e um professor da Educação Básica, realizem projetos pedagógicos com o intuito de aproximar a escola básica da universidade.

Nesta visão o PIBID pode ser entendido como um excelente motivador e de grande importância para os discentes nos cursos de licenciatura, constituindo-se um ambiente formativo de grande eficácia, na medida em que os estudantes de licenciatura são inseridos na educação básica, ainda em formação, oportunizando o fortalecimento dos vínculos com as instituições de ensino básico, auxiliando a formação do professor que está lecionando em escolas municipais ou estaduais.

Sendo assim, o PIBID desvela o universo da sala de aula e sua complexidade para os alunos da Universidade. Ao mesmo tempo contribui para que o professor da educação básica renove seus métodos, estabeleça discussões com os professores universitários, desenvolvam projetos e ações pedagógicas que enriqueçam o universo escolar. Assim, pautados nas ações do programa, os professores buscam novas metodologias para o ensino, como já alegamos anteriormente, buscando, assim, a Geografia novas perspectivas, superando o ensino tradicional e procurando realizar um ensino crítico, proporcionando aos alunos a produção de conhecimento e a experiência da pesquisa, envolvendo os alunos e professores da escola básica.

A escola de educação básica onde o projeto do PIBID foi desenvolvido, foi materializada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Prof. José Soares de Carvalho” que está localizada na Rua Henrique Pacífico, 45 – Primavera, Guarabira/PB, tendo como entidade mantenedora a Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Paraíba.

Tanto a escola como a própria Geografia vêm analisando qual é o seu papel na atualidade e quais são suas principais funções no mundo atual. Segundo Cavalcanti (2003), a Geografia “... tem procurado pensar seu papel nessa sociedade em mudança, indicando novos conteúdos, reafirmando outros, reatualizando alguns outros...” (CAVALCANTI, 2002, p.11).

Todavia, como já ressaltamos anteriormente, a forma como a Geografia tem sido ensinada na escola pública tradicionalmente não tem muito a contribuir. Aquela Geografia denominada tradicional, de vertente positivista, caracterizada pela enumeração de dados geográficos, classificação de lugares, acidentes geográficos, capitais de estado, que trabalha espaços fragmentados, em geral trabalha com conteúdo desconexos.

Nessa Geografia a cartografia é pouco ressaltada, ou melhor, não é utilizada para interpretar os fenômenos humanos e nem físicos. A cartografia é isolada no interior de si mesma, em vez de considerá-la no contexto de um espaço geográfico complexo, que é uma representação espacial de suma importância para ajudar nossos alunos a entender o mundo, o professor foge da interpretação do mapa e pula essa parte para outro capítulo ou conteúdo. Como superar o positivismo da Geografia e da educação, em um mundo que está mudado e continua mudando aceleradamente? O que seria possível fazer para engendrar uma nova forma de “ensinar o mundo”? Questiona Helena Callai em seu clássico texto.

Podemos afirmar que as mudanças serão lentas, ao longo do século XX essas mudanças irão ocorrendo. Segundo Vesentini (1992), na apresentação do livro de Yves Lacoste “A Geografia, Isso Serve em Primeiro Lugar, para Fazer a Guerra”, a Geografia escolar ou a Geografia dos professores se constitui no século XIX – se é que podemos nos referir dessa maneira – essa Geografia foi engendrada para servir como discurso ideológico. Na realidade a Geografia sempre foi um conhecimento estratégico e os professores tiveram um papel essencial:

E a "Geografia dos professores" é mais recente, do século XIX, tendo sido engendrada especialmente para servir como discurso ideológico de mistificação do espaço, de "cortina de fumaça" para escamotear a importância estratégica de saber pensar o espaço e nele se organizar. Ao se dirigir de forma particular a estes últimos, aos pesquisadores universitários e professores de Geografia, que são os interlocutores por excelência desta obra, Lacoste reitera insistentemente uma advertência: temos que assumir aquilo que sempre exorcizamos, isto é, nossa função de estrategistas, de saber-pensar o espaço para nele agir mais eficientemente. Superar o viés ideológico da Geografia, nesses termos, nada mais seria do que

encetar uma “geopolítica dos dominados”, um saber-pensar o espaço na perspectiva de uma resistência popular contra a dominação (LACOSTE, 1988, p.8)

O ensino de Geografia deveria desvelar as contradições que estão postas na paisagem, que se expressam no espaço geográfico. Não é fácil romper com a prática tradicional da sala de aula, pois não adianta apenas a vontade do professor. É necessário todo um cabedal de elementos que a escola deve prover aos alunos, sobretudo uma escola em um país em desenvolvimento. Na realidade é preciso discutir concepções teórico-metodológicas que sejam adotadas pelos professores, capazes de permitir o reconhecimento do saber do outro.

A Geografia nos proporciona a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, ritmos, transformações, superando o que está posto como verdade absoluta, como ressalta Vessentini (1992). O que nossos professores necessitam é trabalhar com a possibilidade de encontrar novas formas de compreender o mundo, produzindo novas metodologias, estimulando a pesquisa para a construção do conhecimento e todas essas ações são legítimas. Assim, somente o professor, as suas concepções de educação e de Geografia, sua visão de mundo, é que podem fazer a diferença no universo da sala de aula. Desse modo, ao longo do século XXI, acompanharemos mudanças consideráveis no ensino da Geografia, no livro didático, o surgimento de novas metodologias, a busca de novos caminhos teóricos metodológicos.

É nesse contexto que a “possibilidade desse cruzamento entre Geografia e educação torna-se sobretudo importante num mundo em crise, crise expressa, entre outros modos, nas concretudes do espaço vivido através dos quais as relações sociais se geografizam” Nos demais níveis de ensino, a questão de entrelaçar Geografia e educação pode não aparecer com tamanha relevância, mas, nos anos iniciais, é impossível ela não ser considerada. E se, no exercício de pensar e procurar caminhos da Geografia para as crianças, fosse encontrada a chave para desvendar as possibilidades de construção de uma Geografia escolar mais consequente? Seria uma reflexão interessante. (Rego, 2000, p. 8).

Na década de 1970, com o Movimento de Renovação da Geografia, inicia-se um período de modificações no âmbito da pesquisa e ensino da Geografia. A crise da Geografia tradicional começa a se manifestar em meados da década de cinquenta e se desenvolve aceleradamente nos anos que se seguiram. Moraes (1987, p.93) ressalta que “A década de sessenta encontra as incertezas e os questionamentos difundidos por vários pontos”. A partir de 1970, pensa-se que a Geografia tradicional está definitivamente enterrada. O que ocorrerá é que os geógrafos vão se abrir para novas discussões e buscar novos caminhos e metodologias até então não trilhados. Na realidade esta crise será interessante para a Geografia, pois

introduz um pensamento crítico, frente ao passado positivista da disciplina. Esse momento irá enriquecer o universo das pesquisas e discussões que a Geografia fará.

O movimento de renovação da Geografia levou grande parte dos pesquisadores e professores universitários a entender o espaço, não como uma noção neutra, e a noção de espaço que a sociedade desenvolve não é um processo natural e aleatório. A noção de espaço é construída socialmente, histórica, a criança vai ampliando e complexificando o seu espaço vivido concretamente. Assim, a capacidade de percepção e a possibilidade de sua representação é um desafio que motiva os alunos a desencadear a procura, a aprender a ser curiosos, para entender o que acontece ao seu redor, e não ser simplesmente espectadora da vida, como ressalta Callai (2005).

Todavia, essas mudanças chegaram com certo atraso à escola. Os professores da escola básica não se adequaram de imediato a essa realidade, como ressalta Oliveira (2006):

(...) nota-se que pouco foi modificado no tratamento didático-pedagógico da Geografia na sala de aula o qual poderia contribuir para os sujeitos envolvidos se reconhecessem como sujeitos do mundo em que vivem, indivíduos sociais, capazes de contribuir a sua história, a sua sociedade, o seu espaço e que conseguissem ter os mecanismos e os instrumentos para tanto (OLIVEIRA, 2006, p.12).

Para Cavalcanti (2002, p.12), o ensino escolar “é um processo que contém componentes fundamentais e entre eles há de se destacar os objetivos, os conteúdos e os métodos.” De acordo com a autora, um dos maiores objetivos da escola e também da Geografia, é formar valores, ou seja, respeito ao outro, respeito às diferenças, combate às desigualdades e às injustiças sociais. A principal função do educador é a formação do aluno. O educador busca construir uma relação de troca entre professor-aluno, o aluno também possui domínio de conteúdo, deve ser consultado acerca das novas práticas de ensino, procurando promover a complementação do conhecimento intelectual.

Assim, a Geografia, enquanto disciplina, vem, desde os tempos mais remotos, tendo como pressuposto a construção da relação do homem-natureza. O ser humano, ao longo da história, foi progressivamente, se apropriando dos recursos naturais, transformando a natureza, construindo uma relação desigual com o meio ambiente. Cegalla (2005, p. 451) afirma que a “Geografia é a ciência que estuda a superfície da terra, seus aspectos físicos e as relações entre o meio natural e o homem [...]”.

Com o passar dos anos os professores foram aprimorando suas técnicas e moldando as transformações ocorridas no mundo da técnica. Dentro de sala de aula, a relação professor-

aluno se modifica, o professor não é mais aquele que sabe tudo e o aluno um ser passivo. O professor parte do pressuposto de que o aluno possui um conhecimento, conteúdos, opiniões, visões de mundo. Essa relação proporciona o debate, as aulas de campo enriquecem o conteúdo, os seminários contribuem para a pesquisa, e também o uso de novas tecnologias que foram sendo inseridas nas escolas do século XXI, tais como data show, salas de vídeos, técnicas essas que facilitaram, tanto o aprendizado do aluno, quanto a prática do professor.

O livro didático tem servido como principal recurso didático para a metodologia aplicada pelo educador, como afirma Pontuschka (2007, p. 343), “O livro didático deveria configurar-se de modo que o professor pudesse ter como instrumento auxiliar de sua reflexão geográfica com seus alunos, mas existem fatores limitantes para tal”. Porém, quando se vai à prática da exposição de conceitos e temas, essa finalidade que o livro tem, não é totalmente concretizada.

Os mais variados conteúdos são transcritos nos livros em forma e conceitos no material didático, e torna-se importante a ação da pesquisa, porém existem casos onde o ensino baseia-se apenas na leitura desse material, trazendo uma ideia de falso ensino e falso aprendizado.

Geralmente o livro didático é utilizado pelos professores numa interação de leitura e interpretação do texto e é nessa relação que para alguns docentes o conhecimento é construído. No entanto, o que acontece, em muitas práticas escolares, é uma leitura superficial sem muito interesse por parte dos alunos e dos professores, que não se sentem estimulados pelo conteúdo e ficam num círculo vicioso de fingimento que estão aprendendo e ensinando algo (PINA, 2009 p. 51).

Com a relação ao uso do livro didático, o enfoque se dá na sua má utilização, sobre o modo de como esse recurso é inserido no dia-a-dia escolar, sendo usado como produto de ensino e não como auxílio para o aprendizado, sem que haja uma mediação adequada. Isso acarretará um retrocesso na formação do pensar do aluno, tornando a aula enfadonha e rotineira, onde vai ocorrer a leitura do conteúdo no livro, e posteriormente, ser retido de forma que não será aproveitada e finalizar com exercícios propostos nos livros. Neste momento o conhecimento é estagnado, o professor se mantém no comodismo e não vai buscar novos materiais para facilitar a absorção do conhecimento e nem há o interesse do receptor do conteúdo em sair da escrita e da leitura e ir à procura por recentes formas de aprendizagem, tais como a observação e análise.

Dentre os profissionais da área de educação em disciplinas teóricas como Geografia, percebe-se que o ato de ensinar se mantém no ato de decorar e não de aprender, e isso infelizmente é uma das causas do uso exacerbado e único do livro didático, como meio de

aquisição de conhecimento. Com sua aplicação correta, existirá uma forte relação entre o ensino de Geografia e o livro didático, que fará com que o aluno queira se utilizar dessa fonte de saber antes, durante e após a aula.

Quando os professores tratam os conteúdos na perspectiva do aluno, destacam situações e problemas que estão relacionados ao cotidiano dos alunos. Assim, é a partir de tais problemas que devem ser feitas as leituras, discussões em sala de aula, o uso da representação, do mapa da fotografia, da imagem, e que deve ser instigada a curiosidade para avançar na investigação e compreender o que ocorre. Mas não é preciso restringir a discussão às questões da Geografia. Pode-se discutir questões que são específicas do conteúdo de outras disciplinas. O professor precisa ser criativo, reflexivo, mas também, por exemplo, em vez de “ditar para o aluno” as lições em sala, ou mesmo ler o livro didático, ou responder as perguntas a partir de um texto, o professor pode ajudar o aluno a exercitar a cidadania.

A nova Geografia que se constitui passa a trabalhar com novas perspectivas, os conceitos de espaço, paisagem, lugar território passam a ser discutidos numa visão crítica. A leitura do espaço permite que se faça o aprender da leitura da palavra, aprendendo a ler o mundo. A partir daí a Geografia passa a trabalhar com os conceitos que são próprios do seu conteúdo numa visão mais abrangente, podendo analisar o espaço aliado a vivência.

Mesmo, assim, quando observamos a prática docente na escola pública, ainda encontramos a Geografia tradicional, positivista, presente nos conteúdos ministrados, nas atividades desenvolvidas, na postura do professor diante do aluno. O aluno continua sendo um ser passivo diante de um professor que sabe tudo. As aulas continuam expositivas e pouco criativas.

A chegada do PIBID à escola trouxe novos ares à dinâmica escolar, mas ainda é um processo lento. O PIBID é uma política pública que visa melhorar a qualidade da formação do professor iniciante. Novos projetos foram desenvolvidos em sala, os alunos se sentem mais motivados, os professores da escola pública também se tornam mais valorizados.

## **2 O PIBID ENQUANTO POLITICA EDUCACIONAL PARA A MELHORIA DO ENSINO DE GEOGRAFIA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR INICIANTE**

O PIBID foi criado no contexto da Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica, através do Decreto N°. 6755/2009, de 29 de janeiro de 2009, o qual também disciplina a atuação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no fomento a programas de formação inicial e continuada, e dá outras providências.

O documento apresenta em seu Art. 3º os objetivos dessa política, que são amplos, e que, em síntese, relacionam-se à melhoria da qualidade da educação básica pública, ao apoio à formação de profissionais do magistério e à valorização do docente. A busca pela concretização desses objetivos, entre outras medidas, fez nascer o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), através da Portaria N° 72, de 9 de abril de 2010, o qual “é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica.” A finalidade do programa é apoiar a iniciação à docência de estudantes de licenciatura plena das instituições de educação superior federais, estaduais, municipais e comunitárias sem fins lucrativos, visando a aprimorar a formação dos docentes, valorizar o magistério e contribuir para a elevação do padrão de qualidade da educação básica.

Os objetivos do PIBID são cinco:

- D) incentivar a formação de professores para a educação básica, apoiando os estudantes que optam pela carreira docente; valorizar o magistério, contribuindo para a elevação da qualidade da escola pública;
- II) elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciatura das instituições de educação superior;
- III) inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- IV) proporcionar aos futuros professores participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar e que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração o desempenho da escola em avaliações nacionais, como Provinha Brasil, Prova Brasil, SAEB, ENEM, entre outras;
- V) incentivar escolas públicas de educação básica, tornando-as protagonistas nos processos formativos dos estudantes das licenciaturas, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes. (Portaria N° 72/2010)

O programa tem como diferencial conceder bolsas aos acadêmicos dos cursos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência, desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino. O incentivo financeiro, em comum acordo à possibilidade de desenvolver práticas docentes nas escolas durante o curso, tem se mostrado importante fator para o sucesso do programa.

As pesquisas, observações e entrevista com professores e alunos de Geografia da Escola Estadual, como é comumente conhecido, revelaram que, mesmo com o PIBID, as aulas ministradas nas séries do ensino fundamental contribuíram para a melhoria do ensino. Uma melhoria ainda tímida, tendo-se em vista as dificuldades encontradas no interior da escola. Muitas são as carências da escola pública, essas carências se expressam no material didático até mesmo na carga horária dos professores. Todavia, acreditamos que com a continuação do projeto a prática docente e o ensino de geografia deve melhorar. Essa não é uma tarefa fácil, é preciso perseverança, criatividade e compromisso com a escola pública. O PIBID pode sim contribuir para a formação continuada do professor da escola básica. Uma política dessa natureza só pode trazer benefícios para escola básica. Esse é um processo difícil, requer um certo tempo, mesmo assim podemos afirmar que ocorreram mudanças consideráveis, mesmo reconhecendo que as aulas ainda são tradicionais.

### 3 O PIBID E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Para ser professor, antes de qualquer coisa, é preciso se auto conhecer, reconhecer qual o seu papel na profissão escolhida, para que não se prejudique e nem frustrar seu futuro, nem dos futuros educandos, tendo em vista que para melhor aproveitamento em sala de aula, deve haver essa harmonia entre todos dentro do âmbito educacional.

Acreditamos que é necessário se pensar sobre o papel do professor na sociedade moderna. Nesse sentido, julgamos importante refletir como ocorre sua formação, na qual a articulação entre a técnica, o conhecimento e a análise crítica precisam ser elementos presentes e imbricados, com o intuito de formar o professor iniciante para ter uma boa atuação em sala de aula, mas, sobretudo, formar cidadãos críticos e atuantes, ter opiniões, saber fazer julgamento de valor na sociedade em que vive.

Quando se fala em se formar para atuar na área da educação, se trata de agir de forma contínua em busca de conhecimento. Não adianta passar quatro a cinco anos dentro da universidade sem construir uma vida acadêmica e sem estar em busca de aprimorar e valorizar seu currículo intelectual.

A formação de professor deve valorizar a prática escolar e sua experiência cotidiana. Essa experiência no cotidiano é um dos principais elementos para que exista uma perfeita compreensão de como ocorre a formação do profissional do ensino, pois é neste contexto que sua identidade é construída e moldada quando necessário. “A formação é um assunto muito complexo e polêmico, pois esta formação deve ser a formação do planejador, do pesquisador, do professor, para que isso ocorra não se pode separar teoria da prática”. (CAVALCANTI, 2002, p.101).

Segundo o autor supracitado, “o trabalho de formação profissional forma sujeitos pensantes e críticos” (CAVALCANTI, 2002, p. 114), ou seja, cidadãos que tenham embutidos em si e desenvolvam as competências e as habilidades que instrumentalizem o seu modo de pensar de forma que este se torne acima de tudo geográfico, crítico e que tenha consciência de seu papel na sociedade.

E onde entra o ensino da Geografia neste processo? Ele deve:

visar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade. Isso quer dizer que a realidade deve ter convicção com a prática da cidadania, sendo que esta é a principal temática da consciência espacial das pessoas do século XXI. Onde a finalidade prática de ensinar Geografia para os alunos é o de justamente [...] ajudá-los a formar raciocínios e

concepções mais articulados e aprofundados a respeito do espaço” e deve possibilitar aos alunos pensar e pôr em prática o que lhe é transmitido. (CAVALCANTI, 2003, p.24).

Nesta perspectiva, as novas concepções que abrangem o ensino de Geografia e a formação dos professores, têm como meta proporcionar aos discentes um estudo significativo da ciência geográfica. Para os professores em formação, a possibilidade de estarmos correlacionando à teoria e prática leva-nos a conhecer as dificuldades e os caminhos a serem percorridos para que, de fato, possamos ser bons profissionais.

Um aspecto essencial a ser observado nesse processo é que o licenciado passa quatro anos na universidade, muitas vezes não privilegia os componentes curriculares da área de pedagogia. Essa realidade só irá se revelar no momento em que o futuro professor irá enfrentar a escola, a sala de aula, o fazer pedagógico.

Segundo Antonio Novoa<sup>4</sup>, alguns aspectos são essências para inspirar os programas de formação de professores. Nóvoa destaca que:

- Assumir uma forte componente prático, centrada na aprendizagem dos alunos e no estudo de casos concretos, tendo como referência o trabalho escolar;
- Passar para «dentro» da profissão, baseando-se na aquisição de uma cultura profissional e concedendo aos professores mais experientes um papel central na formação dos mais jovens;
- Dedicar uma atenção especial às dimensões pessoais da profissão docente, trabalhando essa capacidade de relação e de comunicação que define o tacto pedagógico;
- Valorizar o trabalho em equipa e o exercício colectivo da profissão, reforçando a importância dos projectos educativos de escola;
- Caracterizar-se por um princípio de responsabilidade social, favorecendo a comunicação pública e a participação profissional no espaço público da educação.

Antonio Novoa (2006) ressalta que a educação vive um tempo de grandes incertezas, dificuldades, mas também, muitas perplexidades em todo o mundo. Perplexidade porque sentimos a necessidade urgente de mudança, num mundo em permanente processo de transformação. Todavia, por mais que façamos em sala de aula, nos cursos de formação, nos cursos de licenciatura, nem sempre conseguimos definir um rumo, novos caminhos, posto que muitas são as mudanças e a rapidez destas.

---

<sup>4</sup> [http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf). Acesso em 22 de julho 2016.

Há realmente um excesso de discursos, redundantes e repetitivos, como ressalta Nóvoa (2006), Estudioso da formação dos professores, o autor afirma que essa crise se traduz numa pobreza de práticas de discussão, reflexão, busca permanente. Assim, há momentos em que parece que todos os intelectuais preocupados com essa questão dizem o mesmo, a mesma coisa, as mesmas preocupações, como se as palavras ganhassem vida própria e se desligassem da realidade das coisas. O autor coloca algo substancial “As organizações internacionais e as redes que hoje nos mantêm permanentemente ligados contribuem para esta *vulgata* que tende a vender mais do que a desvendar”. Desvendar essa crise que se abateu sobre o sistema educacional de nossos países.

Essa discussão encontra-se na ordem do dia em todos os países. O campo da formação de professores está particularmente exposto a este efeito de normativas internacionais, que é também um efeito do momento histórico em que vivemos. Nóvoa (2006), chega a dizer que é moda esse discurso que a educação está em crise, que é preciso formar os professores. “E a moda é, como todos sabemos, é a pior maneira de enfrentar os debates educativos. Os textos, as recomendações, os artigos e as teses sucedem-se a um ritmo alucinante repetindo os mesmos conceitos, as mesmas ideias, as mesmas propostas”.

Podemos dizer que o PIBID surge como política pública para amenizar essa crise e contribuir para a formação do professor iniciante. Evidente que diante da complexidade dessa crise educacional essa não é uma tarefa fácil, mesmo assim essa é uma iniciativa importantíssima e tem mobilizado professores universitários, professores da educação básica e os alunos da licenciatura. Essa ação tem mobilizado, motivado e fundamentado os discentes universitários junto à escola pública.

O relato dos licenciados que participam do projeto expressam as mudanças de comportamento diante da realidade escolar, da visão da docência, mas, sobretudo, da vontade de se inserir no ensino fundamental e médio. Grande parte dos alunos no início do projeto alegam que não desejam continuar lecionando. Após as primeiras experiências junto ao PIBID essa postura se transforma, esses licenciados se empenham e se comprometem com o projeto.

O programa busca uma inter-relação entre ensino superior e ensino básico, desenvolvendo atividades pedagógicas para a melhoria do ensino-aprendizagem dos alunos envolvidos, bem como contribuir para o desenvolvimento dos próprios licenciandos, uma vez que possibilita um contato direto dos estudantes com o ambiente escolar, ainda em sua formação. Como explica Sartori (2009):

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, sem dúvida, constitui-se numa das alternativas potenciais para fortalecer a formação inicial, considerando as conexões entre os saberes que se constroem na universidade e os saberes que cotidianamente são produzidos e se entrecruzam nas unidades escolares. A experiência real do professor em exercício na educação básica é relevante por enriquecer a formação inicial e profissional dos licenciandos, bolsistas do programa, uma vez que estes entram em contato direto com a realidade vivenciada diariamente pelos professores de ensino fundamental e de ensino médio. (SARTORI, 2009, p. 2).

Diante dos desafios encontrados dentro de sala de aula, o PIBID encaixa-se enquanto suporte educacional de grande valia, pois incentiva os professores em formação em conjunto com o professor da educação básica a trabalhar dentro de sala de aula, de tal maneira que possa se colocar no lugar do aluno, havendo a relação entre ambos, promovendo o uso de novas práticas de ensino com o objetivo de atrair conhecimento para as duas partes, tendo em vista que, dentro dos conteúdos programados, notam-se práticas educativas que necessitam de professores bem capacitados, com metodologia renovada, pois a Geografia necessita ser ensinada com o objetivo de relacionar o aluno com o meio que se vive.

O PIBID chega ao ensino com a proposta de renovação na sala de aula, com práticas educativas que objetivem o ensino teórico com a ação de elevar a qualidade de aprendizagem de alunos do ensino fundamental e do médio, na disciplina de Geografia, utilizando-se de novas mídias quando disponíveis, do lúdico, de aulas de campo, eliminando muitas vezes os traumas que os alunos possam ter com a disciplina devido a prática de aulas tradicionais, com métodos estagnados, e aproveitar o espaço da escola pública como campo de experiência para construção do conhecimento para os educandos e para a docência.

#### **4 IMPACTOS CAUSADOS NO ÂMBITO EDUCACIONAL ATRAVÉS DO PIBID**

O PIBID, como um suporte educacional auxiliador, vem para a escola como uma nova maneira de ensino, visando a melhoria, tanto do âmbito educacional, como da relação professor e aluno, tendo em vista o programa se importar com a interação de todos, dentro da sala de aula. O projeto era composto por 15 bolsistas, e 3 supervisoras, que foram avaliados através de uma prova e de uma entrevista, no ano de 2013.

No grupo o qual estava inserida, foi supervisionado pela professora Socorro Santos, então professora de Geografia da escola trabalhada, e de forma geral o projeto é regido por Cléoma Toscano, e Maria Juliana, professoras da Universidade Estadual da Paraíba. O projeto contou com a participação desses 15 bolsistas e das três supervisoras, teve vigência em março de 2013, até agosto de 2016.

De início, ao se apresentar o programa em sala de aula, os alunos, se sentiram constrangidos, pois além do professor de Geografia, agora teria também bolsistas, que de início não foram vistos como auxiliadores no aprendizado dos mesmos, mas sim como espíões, que estão presentes para criticar, e não para ajudar.

Apenas com o passar das aulas, que foi se conquistando a confiança dos alunos, e deixando a entender que o bolsista do PIBID, está em sala de aula para auxiliar no que os mesmos precisassem, ainda mais pelos bolsistas estarem inseridos em universidades se atualizando cada dia mais, podendo os ajudar nos exames existentes no ensino médio, como por exemplo o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

De início, notava-se uma certa antipatia dos alunos para com a professora, então supervisora dos bolsistas envolvidos no programa. Os alunos se queixavam da falta de diálogo, de novas práticas de ensino e de aulas monótonas. Com a inserção do PIBID dentro da sala de aula, os alunos, a professora e os bolsistas, criaram um vínculo concreto, que auxiliou tanto no ensino, quanto na relação professor e aluno. Novos modos de expor o conteúdo foram inseridos, tais como vídeos, slides, dinâmicas, ações que antes não poderiam ser feitas por falta de recursos e de espaço dentro do conteúdo programado pela escola, e devido também ao grande número de paralizações e greves que persistiram em existir durante os anos letivos aos quais o programa estava correlacionado com os bolsistas em questão.

Após essa mudança no ensino, houve uma grande diferença no modo de agir, tanto dos alunos, quanto da professora, pois passou a existir maior interesse pelas atividades desenvolvidas em sala de aula, e maior vontade de elaborar novas propostas e métodos de ensino. Com isso, vieram as ideias de gincanas, maratonas, projetos, etc, que só contribuíram para solidificar essa relação no âmbito escolar.

Com o passar de três anos de vivência no programa, diversas ações foram desenvolvidas. No primeiro ano, as turmas trabalhadas foram de 9º e 1º ano, turmas grandes e com alguns alunos indisciplinados, mas com o passar dos meses, ao se praticar a harmonia na relação entre os alunos, os bolsistas e o professor, foi se tornando cada vez mais fácil trabalhar no âmbito do ensino.

Ao chegar na escola, a professora supervisora já estava a trabalhar com um projeto intitulado Lixo Eletrônico, ao qual os alunos eram incentivados a reciclar o lixo e os transformar em objetos de uso diário. Os bolsistas foram inseridos nesse projeto e a primeira atividade executada foi uma panfletagem no centro da cidade de Guarabira/PB.

Após essa ação, foram desenvolvidas aulas e minicursos para auxiliar os alunos na apresentação de seminários, no uso de computador para criar slides, como se comportar em sala de aula, como também simulado estilo ENEM, tendo em vista que os alunos do 1º ano do ensino médio, estariam na preparação do mesmo.

No segundo ano de execução do programa na EEEFM Professor José Soares de Carvalho no município de Guarabira/ PB, as turmas trabalhadas foram as de 2º ano do ensino médio. O conteúdo trabalhado durante o ano letivo foi o Brasil e seus estados. Com isso se criou o Projeto BRAGEO, que tinha como ações, seminários, peças, gincanas e aula de campo. A aula de campo foi realizada na Serra da Jurema, situada no mesmo município que a escola, onde os alunos puderam observar a flora, a fauna, os aspectos demográficos, climáticos, entre outros.



Figuras 2 e 3: Oficinas e Gincana estudantil, Fonte: Arquivo da autora, 2014.



Figura 5: Aula de Campo na Serra da Jurema – Guarabira – PB, Fonte: Arquivo da autora, 2014.

No mesmo ano ocorreu a primeira maratona geográfica. Foram trabalhados conteúdos relacionados ao Brasil, no qual os alunos puderam aprender brincando, onde se trouxe a dinâmica para facilitar o aprendizado, e se incentivou a relação entre os próprios alunos, e entre outros membros da escola tais como diretor, outros professores, e até mesmo os bolsistas inseridos no programa.



Figuras 5 e 6: Maratona Geográfica, Fonte: Arquivos da autora, 2015.

Já no terceiro ano de trabalho na escola em questão, as ações demoraram um pouco a começar. Apenas no mês de abril os bolsistas foram direcionados para a escola, devido os conflitos políticos existentes durante o ano, que ameaçaram o corte do PIBID. Com o desequilíbrio político do ano, alguns programas educacionais como o PIBID entre outros, como também outros programas dentro das esferas da saúde, etc, sofreram alterações e cortes, que afetaram de certa forma no seu desenvolvimento. Falando do PIBID, os recursos foram cancelados para os materiais, custeio de viagens para aulas de campo, como também para congressos, entre outros. Ao assumir a sala de aula, foram trabalhadas dinâmicas com o celular, iniciando o projeto da professora supervisora, que se tratava da cidade onde a escola é situada. Porém, não foi possível continuar o projeto, pois sem aviso prévio, houve uma nova seleção, onde foram retirados todos os bolsistas que entraram no ano de 2013.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PIBID é, e continuará sendo um programa que auxilia e melhora o ensino de forma geral, trazendo um novo método de agir em sala de aula, visando a progressão dos alunos da escola, dos bolsistas, e também dos professores envolvidos. Uma iniciativa dessa natureza sempre contribuirá para a melhoria do ensino e da prática docente. Evidente que quase todos os projetos do Governo Federal são pensados de cima para baixo, os professores pouco participam da elaboração dos projetos que são adotados nas escolas.

Mesmo, assim, como ressalta o programa intenção é unir as secretarias estaduais e municipais de educação e as universidades públicas, sejam federais e estaduais, visando a melhoria do ensino nas escolas públicas em que o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) esteja abaixo da média nacional, de 4,4. Assim, o programa visa incentivar à carreira do magistério nas áreas da educação básica, visto que as condições da educação sempre foram muito difíceis, com carência de professores com formação específica: ciência, matemática, de quinta a oitava séries do ensino fundamental e física, química, biologia e matemática para o ensino médio.

O objetivo do programa é a melhoria da educação no âmbito escolar. Evidente que a instituição na escola nem sempre é um processo fácil. Para a aceitação do projeto é preciso conquista e a confiança dos professores, dos alunos, dos gestores. Na universidade também há uma certa resistência de se trabalhar na escola básica. Poucos são os professores que desejam trabalhar com os componentes curriculares ligados ao ensino e às práticas pedagógicas. Grande parte dos professores busca lecionar as disciplinas específicas da área de Geografia.

Poucos professores discutem em sala de aula os problemas pertinentes ao ensino de Geografia, poucos professores ensinam ao aluno como fazer a transposição dos conteúdos trabalhados em sala de aula da universidade na escola pública. Nós iremos perceber isso quando os alunos chegam no Estágio Supervisionado, pois grande parte dos alunos chega no estágio sem nenhuma noção de como organizar os conteúdos, o plano de aula, realizar a avaliação, utilizar o livro didático.

O projeto foi, de forma geral, como uma forma de incentivo e confirmação para minha vida acadêmica e concretização do meu desejo profissional de lecionar. Houve pontos negativos como falta de material para execução de atividades diferenciadas, falta de interesse por parte de alguns alunos, que quer queira, quer não prejudicava quem estava buscando aprender mais, mas também, houve pontos positivos, como o aprimoramento do

conhecimento, instigação e desafios para progredir o modo de pensar dos alunos, entre outros aspectos.

O ensino nada mais é do que a mola mestra para melhorar o ser como cidadão e contribuir para a melhoria da sociedade como um todo. Para poder executar de maneira saudável a prática educacional, basta possuir interesse e força de vontade de fazer um mundo melhor, pois por mais que existam projetos que melhorem o ensino, sempre haverá dificuldades para a execução deles, portanto se houver perseverança, e amor ao que está se fazendo o ensino deixará de ser visto como um âmbito deficiente, e se tornará como uma das principais armas para sucesso da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história, Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CALLAI, HELENA COPETTI. **APRENDENDO A LER O MUNDO: A GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL** Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005, P.227 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas, SP: Papirus, 2003.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- CELESTIN, Marcos Roberto. **A Formação de Professores e a Sociedade Moderna**. Dialogia, São Paulo, v 5, p.73-80, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. [tradução de Rosisca Darcy de Oliveira]. 12 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- KAERCHER, Nestor André. **A Geografia é o nosso dia-a-dia**. In: CRASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (orgs). **Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas** – São Paulo: Contexto, 2008,
- MERCADO, Luís P. (org). **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: Inep/Edufal, 2002
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11.ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbeli no de (Org.). **Para onde vai o ensino de Geografia?** – 9. ed. – São Paulo: Contexto, 2005. – (Repensando o ensino).
- OLIVEIRA, M.M. **A Geografia escolar: Reflexões sobre o processo didático pedagógico do ensino**. Revista discente expressões geográficas. Florianópolis-SC, n2º, junho/julho, 2006. p. 10-24
- OLIVEIRA, M.M. **Refletindo o papel social do educador é**. Prefeitura municipal de Campina Grande: Campina Grande, s/d. p.1-5
- PINA, P. P. G. N. **Relação entre o ensino e o uso do livro didático de Geografia**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba: João Pessoa, 2009.
- PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko e CACETE, Núria Hanglei. **Para aprender e ensinar Geografia**. São Paulo: contexto, 2007.
- REGO, N. et al. **Geografia e educação: geração de ambiências**. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

SARTORI, J. **Formação de professores: conexões entre saberes da universidade e fazeres na educação básica.** Anais do II Encontro Institucional do PIBID UFRGS, Porto Alegre, 2011.

TAVARES, D. A.; CUNHA J. S. **O livro didático e o ensino de Geografia: Algumas reflexões.** Disponível em:  
<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%205/PDF/Microsoft%20Word%20%20LIVRO%20DIDÁTICO%20E%20%20ENSINO%20DE%20GEOGRAFIA.pdf>. Acesso em 21/06/2013

VESENTINN, José W. (org.) **O ensino de Geografia no século XXI.** Campinas, SP: Papirus, 2004.

VESENTINI, José W. **Para uma Geografia crítica na escola.** São Paulo: Editora Ática, 1992.

<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11693121/artigo-22-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996>

[http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350\\_09por.pdf](http://www.revistaeducacion.educacion.es/re350/re350_09por.pdf). Acesso em 22 de julho 2016.

<http://portal.mec.gov.br/PIBID>

<http://www.ufvjm.edu.br/prograd/PIBID.html>, Acesso em 22 de julho de 2016.